



Durou pouco a festa do Lisboa-Dakar

Tristeza e desilusão

MAFALDA SOFIA RIBEIRO
RITA AZEVEDO

A notícia caiu que nem uma bomba.

O cancelamento da maior prova mundial de rali – Lisboa Dakar 2008 – deixou todos surpresos, incluindo o piloto de Cascais, Pedro Grancha, que quando a organização formalizou o anúncio, concedia uma entrevista ao *Jornal da Costa do Sol*.

Ameaças terroristas, terão sido determinantes para a inédita, e algo inesperada, decisão da organização que optou pela anulação da 30.ª edição da mítica prova.

O certo é que, durante três dias, a Praça do Império, em Belém, parou para assistir a um espectáculo inovador, que proporcionou a milhares de fãs e curiosos um contacto directo com pilotos e máquinas.

Mas a expectativa de ver arrancar o Dakar, no passado dia 5, ficou-se mesmo por aí. Os visitantes ficaram "a ver navios", ou melhor, a ver os jipes, camiões e motos regressarem aos seus países em vez de lançarem na aventura no deserto.

Um misto de tristeza e resignação tomou conta de todos no momento em que receberam a notícia, na manhã da passada 6.ª feira. As lágrimas estavam presentes em muitos rostos, embora os argumentos divulgados tivessem convencido a maioria dos pilotos e *staff*.

A poucos minutos de conhecer oficialmente a decisão da organização, Pedro Grancha falava à equipa de reportagem do *Jornal da Costa do Sol* sobre as memórias que guarda da sua juventude em Cascais, da sua participação no

Dakar, do objectivo em classificar-se nas primeiras posições do rali, na expectativa de concluir um desafio iniciado há dois anos atrás.

Campeão Nacional em 2006, o piloto cascalense revelou ter saudades «da época em que Cascais era uma terra fantástica para se viver, em que podíamos andar na rua à vontade. É um Cascais muito diferente do que é hoje. Está muito diferente».

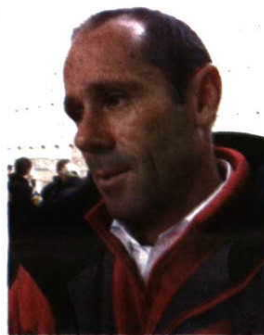
«O movimento actualmente é tão grande em Cascais que já não nos conseguimos identificar tanto com aquela terra que era antigamente», admitiu com algum deslumbramento.

No entanto, os melhores momentos da sua juventude – as melhores memórias – essas continuam bem vivas. «Guardo boas recordações, como a praia do Guincho, que continuo a frequentar, a vida ao ar livre, o Bairro do Rosário onde vivo, o liceu... De facto, tenho muito boas lembranças».

E foi nesta pacata vila que surgiu o gosto pelo todo-o-terreno, pela aventura... a adrenalina. Depois de 20 anos de competição em motos, a sua «verdadeira perdição», mas que devido ao avançar dos anos teve de abandonar «para poder continuar nas grandes corridas», Pedro Grancha alegou que a transição para as quatro rodas lhe trouxe novos objectivos.

«Já comecei nestas andanças há muito tempo. Primeiro nas motos, sempre em provas nacionais ou em Espanha. Depois, numa determinada altura, passei para os carros e já há seis anos que tenho feito, regularmente, o campeonato português de todo-o-terreno e algumas provas em África e Espanha», avançou.

Quanto à sua participação no



Pedro Grancha, o piloto cascalense

Dakar, uma experiência que «deixa marcas para toda a vida», «uma paixão», o piloto tinha a esperança de «depois de um ano que não correu assim tão bem, chegar ao final da corrida».

Ainda antes da conferência de imprensa que ditou o final do Dakar, Pedro Grancha afiançava ter, este ano, «um carro diferente, melhor, mais competitivo». O seu *Nissan Navara Off Road*, que se assume claramente como uma das mais evoluídas máquinas de todo-o-terreno, é «um carro bastante rápido que me permitirá, se tudo correr bem, alcançar um lugar nos vinte primeiros».

Para tal, foram necessárias muitas semanas de treino no deserto da Tunísia e uma intensa preparação em Portugal. Um trabalho que, infelizmente, saiu agora "gorado", foi por "água abaixo". «Foi um ano e meio de empenho, que envolveu um enorme esforço de toda a gente e patrocinadores, portanto, não sei como vamos lidar com esta situação», comentou, visivelmente desiludido quando soube do cancelamento da prova.

«É uma grande frustração, uma desilusão. Até porque isto não é uma prova de um fim-de-semana. É, sim, uma prova que implica muito esforço, verbas elevadas».

Como tal, salientou ser «um momento muito triste na minha carreira já que fico com a sensação de que o sonho de atingir o Lac Rose vai ter de ser encaminhado para a gaveta dos projectos por realizar».

Fica agora o desejo de reconquistar o título de campeão nacional de todo-o-terreno.